

## **Arquivo de si:** as implicações entre testemunho, escrita literária e escrita de si

*Ana Cristina Meneses de Sousa*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa as implicações entre testemunho, escrita literária e escrita de si. Articula para esse fim as pesquisas com o Acervo A. Tito Filho, composto de crônicas e colunas jornalísticas digitalizadas. Realiza uma reflexão sobre a problemática da presença do testemunho na escrita literária, já que essa, assim como a escrita da história, necessita de uma constante problematização e interpretação. Pontua que o testemunho, tanto literário, como de outra natureza, não tem garantias sobre a veracidade dos fatos, essa é uma construção sempre problemática e da ordem do fazer historiográfico. Conclui que ao invés do “dever de memória” cabe ao historiador realizar um “trabalho de memória”, no sentido de que a escrita da história não seja simples queixa, saudosismo ou ainda uma repetição piegas do passado.

**Palavras-chave:** Testemunho, escrita literária, escrita de si, acervo A. Tito Filho

**Abstract:** The present article analyses the implications between testimonial, literary writing and writing of itself. For this purpose the researches are carried out with the Collection A. Tito Filho, which is composed of chronicles and digitalized newspaper columns. It performs a reflection about the problematic of the presence of the testimonial in the literary writing, since this one, as the writing of the history, needs a constant problematization and interpretation. This study points that the testimonial, so much literary as of other nature, has no warranties about the truthfulness of the facts, because this is a construction which is always problematic and is a part of the historiographical praxis. It concludes that instead of the “duty of memory” it is up to the historian to execute a “work of memory”, in the sense that the writing of the history is not a simple complaint, nostalgia or even a maudlin repetition of the past.

**Keywords:** Testimonial, literary writing; writing of itself, collection A. Tito Filho

**Writing of itself:**  
the implications between testimonial, literary writing and writing of itself

---

<sup>1</sup>Professora Adjunto da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Doutora em História na linha de pesquisa de Cultura e Memória pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Orientada pesquisas na área de História, Cultura, Literatura e Intelectuais. Email: [aninhahistoriadora@hotmail.com](mailto:aninhahistoriadora@hotmail.com)

*Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras.*  
(BARROS, Manoel. Escova. In: **Memórias Inventadas: A infância**)

Quando se pensa em refletir sobre a questão da escrita, seja ela literária ou histórica, temos como uma das possíveis problemáticas a noção do testemunho. Mas o que é o testemunho? O testemunho é aquele que se constitui enquanto se narra. E ele se narra no entrelugar entre a verdade e o engano (MAY, 1979). O que ele testemunha é significado como narrativa, literatura ou fonte documental, que tenta se equilibrar na difícil relação entre veracidade da história e fidelidade da memória, reflexões importantes realizadas por Paul Ricoeur em sua lúcida obra “*A memória, a história, o esquecimento*” (RICOEUR, 2007).

Entre a verdade e o engano do testemunho é importante pensar sobre a dimensão da escrita, no sentido atribuído por Paul Veyne (1998), como uma intriga. A escrita da história como advertiu Paul Veyne, não é aquilo que se passou, e, sim, uma produção discursiva. A linguagem fundadora de discursos é criadora e residual, no sentido de que seus sinais são possíveis de ser interpretados. Se a escrita pode ser expressa através de uma trama textual, ou ainda serve como registro de algo que está ausente; um ter-sido ausente; então, o registro histórico é um discurso da presença do faltante, uma forma de túmulo que exorciza aquele que não existe mais<sup>2</sup>.

A escrita testemunha ou territorializa o testemunho. Isto quer dizer, que longe da ideia de veracidade, realidade ou compromisso com o real, com aquilo que “realmente” aconteceu, a escrita materializa sentidos que foram sendo dados e “autorizados” por aquele que disse/diz. A escrita existe em função de um Eu que procura oferecer ao mundo princípios de realidade. Existe certa vontade de humanização da realidade, que cria espaços de referencialidade e se torna suporte de materialização do autor, esse mesmo uma construção nem sempre fácil entre o que narra e como é lido, recepcionado pela dimensão do Outro.

---

<sup>2</sup> Acredito que as análises realizadas por P. Ricoeur (2007) e M. de Certeau (2002), sobre a escrita como meio que faz aparecer aquilo que está ausente ou como forma de apreensão dos sinais produzidos pelo Outro, são centrais para quem tem a linguagem como campo de pesquisa ou domínio filosófico, capaz de perceber que o texto é um ente de sentido capaz de ser analisado e interpretado, tanto na sua tessitura como nas suas dobras. Sobre essa discussão ver: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

É importante destacar, diante desse debate, que para analisar o testemunho documental no texto literário, estarei dialogando com o Acervo digitalizado de A.Tito Filho<sup>3</sup>. Esse exerceu, entre outras funções, a de Jornalista - de "Libertação", no Rio de Janeiro, do "Estado do Piauí", do "Jornal do Comércio", de "O Piauí", do "Jornal do Piauí", colaborador de "O Dia" e de "O Estado". Foi organizador e editor da Revista da Academia Piauiense de Letras e de muitos outros jornais e revistas. Como escritor, escreveu cerca de trinta e seis livros, foi historiador, cronista, poeta, filólogo, lexicólogo, biógrafo, geógrafo, humorista, pesquisador, sociólogo, jurista, crítico literário etc., o que o projetou nacionalmente e lhe permitiu ingressar na Academia Piauiense de Letras, entidade que presidiu por vinte e dois longos anos. Organizou e revisou uma infinidade de trabalhos, revistas e jornais.

Selecionei de um longo arquivo digitalizado, tanto do Jornal do Piauí como do Jornal O Dia, entre 1970 e 1990, uma quantidade significativa de material escrito por A.Tito Filho. Desse acervo existe uma coluna em série denominada *Caderno de Anotações*, espaço existente no extinto *Jornal do Piauí*, e tinha como principal finalidade divulgar anotações sobre questões literárias em nível local e nacional, principalmente. Essa coluna era atravessada por diversas atividades como lançamento de livros, recomendações de leituras, novidades no campo literário, prefácios escritos pelo colunista e por outros. Além de questões que versavam sobre política, cidade, sociedade, cultura e, até mesmo, religião.

Além dessa coluna *Caderno de Anotações*, outra potencialidade de escritura, problematizada do Acervo, foi à utilização das crônicas em série existente no jornal O Dia, onde A.Tito Filho, diariamente, trazia uma narrativa, antecipada por um título escrito de forma direta ou indireta, que tinha relação ou não com alguma pauta discutida pelo jornal. Essa coluna, diferentemente, da coluna literária *Caderno de Anotações*, que era composta por vários fragmentos de textos e, versava sobre vários assuntos, trazia um texto simples, claro, e que dizia respeito à opinião pessoal do seu autor sobre algum fato do cotidiano, tipicamente característico do estilo literário cronístico.

---

<sup>3</sup> Refiro-me ao Projeto de PIBIC denominado **História e Literatura: pesquisa, catalogação, digitalização e revisão da obra de Arimathéia Tito Filho**. A proposta era pesquisar, catalogar, digitalizar e por último publicar o material coletado, buscando realçar a linha de pesquisa referente às relações entre História, Literatura e Jornalismo. A intenção, juntamente com o bolsista Jordan Bruno Oliveira Ferreira, foi realizar um levantamento da produção de A. Tito Filho em vários meios de comunicação como jornais, revistas, manuais, artigos, etc. e aqueles que se encontravam em poder dos familiares e amigos, desconhecidos do público, e que necessitam ser reunidas no intuito de conhecer ainda mais a história de Teresina, e dessas implicações para a historiografia piauiense.

A par desse Acervo aparentemente irregular e rugoso, em termos de apresentação e conteúdo, observei que o testemunho era da ordem da escrita de si<sup>4</sup>, onde seu autor na tentativa de construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção inventava para si e para seu grupo sociabilidades que o auxiliavam a transitar em vários espaços, ao tempo que ia se constituindo uma persona diferente, pois ao escrever o autor criava estratégias, que lhe permitiam criar um jogo de visibilidade para si e para sua rede de sociabilidade. Essa sociabilidade incluía redes e microclimas<sup>5</sup>, que serviam para construir laços em comum entre A.Tito Filho e vários outros grupos de intelectuais, seja pela atração relacionada ao campo das ideias, da conquista de títulos, cargos e honrarias, seja pela pulverização de sentimentos marcados pela hostilidade, rivalidade, inveja, que agitavam na construção de vaidades e egocentrismos.

Em contato com esse Acervo digitalizado e que atualmente encontra-se em poder público, nos limites do espaço virtual do blog denominado Acervo A.Tito Filho, sob a organização do meu ex- Bolsista PIBIC Jordan Bruno Oliveira Ferreira, percebi que ao contrário daquilo que é comum pensar, a narrativa incansável de si não é a narrativa da solidão ou da relação consigo mesmo. Mesmo que exista uma interferência da alma e do corpo na escrita, já que quem escreve exercita o cuidado de si, essa atividade se constitui de sentidos para o outro. A escrita de si, tão importante nas análises de Michel Foucault (2006), é a escrita de si como suporte de memória, ou seja, a escrita daquilo que está profundamente entranhado na alma e que deve, sob pena de arrependimento, ser diariamente realizado.

Ao perceber essa relação entre testemunho, escrita literária e escrita de si, notei que o cenário principal dessa intriga escriturária, realizada por A.Tito Filho, foi Teresina, capital do Estado do Piauí, entre os anos de 1971 e 1992, onde verifiquei a existência de um microclima de efervescência no campo cultural, principalmente no campo literário, com a efetivação de

---

<sup>4</sup> A escrita de si, segundo M. de Foucault, é entendida como um suporte de memória, onde o indivíduo exercita um cuidado de si no sentido de realizar atividades e exercícios que lhe ajudem a abstrair as dispersões da vida, fixando e constituído práticas, como a escrita, no sentido de que escrever é mostrar-se, expor-se, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. Sendo assim quem escreve se oferece ao olhar do outro. A narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, da relação da alma e do corpo, segundo a moral dos estóicos e epicuristas. Sobre essas relações ver: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V).

<sup>5</sup> Para Jean-François Sirinelli as sociabilidades intelectuais reúnem em torno de si redes e microclimas. As redes secretam microclimas à sombra dos quais a atitude e o comportamento dos intelectuais envolvidos apresentam traços específicos. Nas sociabilidades de microcosmos intelectuais a atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel decisivo. Sobre essa reflexão ver: SIRINELLI, Jean-François. **Os Intelectuais**. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. P. 231-269.

várias conquistas como: o soergimento do IHGB, criado em 1918, com a denominação de Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico Piauiense; pagamento pelo Estado de subsídios que asseguravam o funcionamento da sede provisória da Academia Piauiense de Letras- APL, além da posterior conquista de uma sede definitiva para a APL.

Além da envergadura dessas ações ainda é possível detectar atividades que incluíam a criação de projetos editoriais como o Plano Editorial e o Projeto Petrônio Portella; Implantação da Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais – Fundação Cepro; circulação em escala significativa de livros de autores piauienses reconhecidos e de novos autores; comunicação da APL com suas congêneres de forma mais efetiva; divulgação e circulação de obras piauienses e nacionais em bibliotecas e escolas públicas; constituição de um Fundo Rotativo de Editoração; permanência e solidificação do Conselho Estadual de Educação e do Conselho de Cultura; participação de intelectuais em congressos e simpósios nacionais representando o Piauí; concessão de Bolsas de Pesquisa para alguns membros da Academia Piauiense de Letras e a Universidade Federal do Piauí; organização de revistas que passam a circular entre aqueles que são ditos intelectuais e a sociedade, como a Revista da APL, a Revista Presença, Revista Carta Cepro, Cadernos de Teresina, entre outras conquistas.

Esse período também abarcava o momento da entrada de A.Tito Filho na Academia Piauiense de Letras, em 1971, na condição de Presidente, até seu falecimento, em 1992. Esse recorte temporal marca um período de reconhecimento de sua intelectualidade tanto por seus pares como pela sociedade. É nesse entretanto que sua trajetória de distinção alcança níveis acentuados, já que passou a participar ativamente do meio intelectual em dimensões significativas, tanto com relação àqueles que lhes antecederam na Academia como em algumas instituições literárias de vida breve. É a partir da aquisição de sua fama e prestígio que tencionei observar como alguém que detém os meios de consagração na sociedade investe dessa condição e traça para si e para os seus uma trajetória distinta. Nesse sentido, é pelo meio (no sentido de devir) que começo, pois concordo com Gilles Deleuze (1992), que é pelo meio que a vida ganha potencialidades, já que não se pode começar do início e nem mudar o fim e começar de novo.

Observei no conjunto de suas crônicas que sua juventude foi retratada como um período de participações na vida política nacional, bem como uma fase propícia para suas incursões criativas no campo da escrita e do jornalismo. As imagens que dizem respeito à infância são incursões pelas reminiscências de sua vida na cidade de Barras, e principalmente

nas terras onde se localizavam a fazenda Peixe. Também fazia parte destas lembranças o período escolar que viveu na cidade de Teresina. A intenção é mostrar que, a despeito das peculiaridades que envolvem o estilo literário, a crônica é apropriada pelo cronista no sentido de escrever suas próprias memórias e lembranças, como demonstra a seguir

Garotote ainda, eu gostava de ler romances. Havia a loja do Juca Feitosa, em Teresina, e ali a gente adquiria Júlio Verne, os livros de aventura da coleção Terra, Mar e Ar, sempre o herói contra os bandidos. Comprei e li as obras completas de José de Alencar e algumas dos portugueses Camilo Castelo Branco e Pinheiro Chagas. Gostei do mineiro Bernardo Guimarães e do autor de A MORENINHA, Joaquim Manoel de Macedo. Nesse tempo vendiam livros de uma coleção de reduzido tamanho, autoria de franceses, ingleses e russos, em traduções excelentes. Lembro-me da leitura que fiz de obras de Zola, Onnet, Dostoievski. Gostava de Emílio Salgari e do Tarzã, de Burroughs (TITO FILHO, *Jornal O Dia*, 31/03/1992, p.5).

Nesta crônica A.Tito Filho preferiu dar prioridade à invenção de uma trajetória de leitor desde sua infância. E não somente literatura nacional, mas também conhecidos nomes da literatura mundial. Esta forma de inventar-se como um costumaz leitor de obras consagradas era uma maneira criativa de legitimar sua condição, já adulto, de literato. Esta maneira de consagração através da memória, como se a vida inteira fosse uma preparação para o que iria se tornar foi uma estratégia bastante utilizada por outros escritores, que faziam parte de suas leituras a exemplo de Gilberto Freyre (2005) e Câmara Cascudo (2009).

A construção da imagem de leitor era um suporte de memória que lhe auxiliava na construção de seu perfil de literato, mas também se mostrava um mecanismo capaz de dialogar com seus leitores, formando um reservatório de imagens do cronista como uma pessoa que lia efusivamente, desde a mais tenra idade, tanto literatura nacional como traduções de obras da literatura mundial. Esta invenção da “tradição” de leitor somente é possível porque “ao escrever o escrevente cria a si mesmo ativamente” (TELLES, 2009, p.298). Esta reflexão colabora para pensar que a imagem de si, muito diferente do que alguns pensam, é fruto de um trabalho árduo, constante e viabilizado pela experiência no tempo.

É bom lembrar que a crônica guarda algumas relações com a história, e que ambas constroem memória, e por isso mesmo, necessitam ser pensadas como jogos textuais que necessitam ser interpretados, ao invés de apenas aceitos como verdades. A crônica como documento é indiciário e encontra-se em uma teia, em uma rede social e cultural, contendo várias informações, vários acontecimentos (GUIMARÃES NETO, 2010). Seus escritos, como

as crônicas, por exemplo, são práticas sociais que prescrevem suas relações com o mundo e a forma como elabora um conjunto de saberes, que dão testemunhos de suas experiências. Para formular uma imagem de sua meninice, já na fase adulta, recorreu a um suporte de memória que qualifica sua trajetória, tendo como direcionamento a constituição de um mundo de saberes e estratégias de leituras que iam lhe constituindo como sujeito.

Mas este sujeito que oscilava diariamente entre letras e papéis elaborava narrativas que iam lhe configurando numa espécie de ser da linguagem<sup>6</sup>. Este ser da linguagem se constituía entre/nos murmúrios que partiam de sua escrita memoriosa, contribuindo para o pensamento de que sua trajetória de vida, mas do que um simples horizonte de possibilidades era uma escalada de merecimentos que se iniciava desde a mais tenra idade (quando mesmo dividindo danças, alegrias, descobertas, como qualquer outro garoto de sua idade, já apresentava sinais de maturidade) até alcançar sua fase adulta, quando então já era bastante conhecido e com grandes conquistas realizadas, principalmente na vida intelectual.

Além de saber que o ser que se inventa através da linguagem está preocupado com a construção de uma imagem intelectual e a forma como ela circula, outra questão muito importante é a preocupação com os detalhes desta imagem. A criança não está preocupada em seu cotidiano em guardar imagens para se lembrar em tempo vindouro; quem julga necessário acionar as imagens daquilo que considera passado é o sujeito posicionado no presente, impulsionado por seus desejos e necessidades. Isto permite pensar que o passado é uma falta acionado pelos suportes da memória dentro de um eterno presente.

Neste sentido, é conveniente dizer que os relampejos da memória são influenciados pelas expectativas que se travam no campo da atualidade. Em outra crônica transversal à imagem de curioso leitor, o intelectual em questão lembrava

No estabelecimento de João de Castro Lima, que o povo chamava de Juca Feitosa, comprei, aos dez anos de idade, exemplares de Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo, Alencar e outros, brochuras empoeiradas, que se atiravam a velhas prateleiras de uma sala mal iluminada, escondida por trás do salão de vendas.

---

<sup>6</sup>Sobre a designação ser da linguagem, é importante destacar, que essa nomenclatura diz respeito ao ser que se inventa através da linguagem e pela linguagem. Ele cria passagens através das palavras que te tão repetidas e acumuladas dão-se ao movimento de destruição que liberam incessantemente e indefinidamente outras. Esse murmúrio produzido pela linguagem possibilita uma operação reflexiva. O aparecimento ou o reaparecimento do ser da linguagem marca o desaparecimento do sujeito como instancia solitária e totalizante. ver: MACHADO, Roberto. **O ser da linguagem**. In. MACHADO, Roberto. **Foucault: a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p.85-116.

Na década de 30, M. A. Tote tinha loja na rua Coelho Rodrigues com venda de revistas do Rio de Janeiro, frequentadíssima. Vendiam-se também a coleção Terra mar e ar, de muito agrado, narrativas de aventuras em terras misteriosas, as peripécias do Tarzan na selva africana, romances policiais de Edgar Wallace e a ficção científica de Julio Verne. Bons tempos, leitura proveitosa, succulenta, alimento de inteligência (TITO FILHO, *Jornal O Dia*, 28/11/1987, p.5).

A crônica como escrita autorreferencial ainda é pouco discutida em nossa historiografia, no sentido de pesquisas e problematizações. Sendo assim, enfatizo que a mesma constrói um reservatório de memórias que além da trajetória individual do cronista ainda diz respeito à construção de sua cidade da memória. A cidade de Teresina é quase confundida com a própria trajetória individual do cronista, o que denota que uma cidade, a despeito de suas materialidades, é arquitetada pelas lembranças e significada através da escrita de si.

Gostar de ler livros que se encontravam atirados em prateleiras empoeiradas, quando ainda era apenas um “garotote”, era uma condição que lhe auxiliava na invenção de uma trajetória intelectual, onde a literatura ocupava um lugar privilegiado nas suas recordações de leitor. A distinção não é realizada sem antes marcar a diferença. Para distinguir-se no tempo era necessário mostrar que além de ter cuidado com uma boa instrução, era importante fazer ver que seu conhecimento reunia uma série de condições que serviam para mostrar que gostava de ocupar-se de si mesmo.

Quando diz na crônica “comprei e li” organiza para si e para seus leitores um potencial narrativo capaz de mostrar que suas escolhas, desde menino, incluíam o consumo de uma diversidade literária e o investimento em opções que acreditava ser importantes para sua formação intelectual, levando-se em conta que em várias crônicas mostra que gastava parte de suas economias na compra de livros, coleções e gibis.

Apreciador de revistas e coleções, como Terra, Mar e Ar editada pela Companhia Editora Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, responsável por difundir um tipo de literatura fantástica, bastante apreciada pelo público infante-juvenil, que tinha como proposta “resgatar e valorizar” a literatura nacional mesmo que tivesse como “modelo” a literatura estrangeira (CANÔNICA, 2011). A coleção divulgou no Brasil aventuras como Tarzan na África; A volta ao mundo em oitenta dias; A Ilha do Tesouro; As minas do Rei Salomão; Contos de fadas dos irmãos Grim; As viagens de Gulliver, Robinson Crusóé, Dom Quixote, entre outras,



que foram sendo traduzidas principalmente das edições portuguesas e publicadas pela Editora Garnier (LAURENCE, 2005).

É oportuno perceber que se o passado como duração chega como lembrança-fragmento, é a escrita que o atualiza e materializa sua presença. Neste sentido, as impressões, leituras, experiências, realizadas pelo menino e adolescente A.Tito Filho são ruínas, ao estilo benjaminiano, presentificadas pelo ato da escrita. Sendo assim, estas lembranças-fragmento são restos que se presentificam, mesmo que se refiram a uma temporalidade que passou. Lembro, na maioria das vezes, o que desejo ou o que quero que os outros lembrem. Neste sentido, o cronista é um ente sempre nostálgico, no sentido grego da palavra, que significa “saudade” de algo ou alguém que não existe mais ou nunca existiu. Ele depende de suas lembranças para se atualizar no presente, para isto importa do passado uma quantidade significativa de vestígios.

A prática de uma leitura rica e variada parece ter lhe auxiliado, desde a mais tenra idade, a ter facilidades em criar um mundo que se dimensionava entre invencionices, letras e papéis. A oportunidade de ter tido contato com leituras de grandes nomes da literatura nacional e mundial, além de obras especializadas, deve ter lhe ajudado, junto ao seu público de leitores, na criação de uma imagem de escritor de cultura variada, levando-se em conta que, na última crônica abordada, o cronista não está apenas preocupado em significar sua trajetória de leitor, mas está empenhado também em (re)significar sua condição de escritor. Pois o que é o autor senão uma confluência de suas leituras? E o que é o sujeito senão uma construção mediada pela linguagem?

Como autor utiliza a infância como categoria simbólica capaz de organizar e legitimar o ciclo da sua vida, que não está associada somente a imagem utilizada pelo cronista como uma fase “despreocupada e travessa”, mas também como uma “fase-origem” onde se dá o crescimento de uma vontade, o cultivo de uma intenção, o nascimento de uma oportunidade. A infância é sonho, devir, virtualidade transformada em enunciado pela vontade do escritor. Mas a passagem de uma instância a outra, de uma frequência a outra é uma questão de poder (força ou relação de forças) e de saber (forma) (MACHADO, 2009).

Poder no sentido que entre as interseções das imagens da infância e seu enunciado transita uma quantidade significativa de vontades, artimanhas, desejos, pulsões<sup>7</sup> que se movimentam como sinais, marcas. Saber na medida em que a transformação da lembrança (imagem) em narrativa literária, como as crônicas, é uma forma de trajeto, passagem da experiência para a linguagem. A crônica como literatura dialógica (pois pretende dialogar, conversar com seus leitores) é um enunciado que produz regiões e territórios de visibilidades, o que a princípio produz uma correlação de poderes e saberes, no sentido de fazer com que a reminiscência vibre e produza sentidos.

O critério daquilo que elejo como sendo inesquecível faz parte daquilo que na temporalidade vivida vai estabelecendo-se como importante e salutar para recordar. A trajetória do cronista no tempo é uma dimensão possível de ser recuperada pela memória, neste sentido, tanto as leituras como as narrativas que apreciava ouvir e inventar, quando se encontrava com amigos e conhecidos, fabricava dimensões importantes que faziam parte no presente de sua condição de escritor, já que estes movimentos lhe permitiam acesso para escritura e invenção de outros tempos e memórias.

A invenção de um tempo e de uma memória é uma forma de situar-se no presente, por isso muitas memórias são fabricadas, pois o passado se apresenta sempre mais bem definido e ostenta uma cenografia impecável (SILVA, 2011) porque o quadro pintado sobre o vivido ou que se imagina ter vivido é sempre melhor e mais fantasioso que o momento atual. O passado é imaginado porque as lembranças não precisam ser provadas, bastam apenas que sejam socializadas e correspondidas. Por outro lado, ao construir tais passagens no presente o cronista estaria mostrando, contraditoriamente, que o passado é uma alegoria possível de ser inventado e, desta maneira, anuncia-se como algo que poderia ter sido diferente do que foi.

O cronista administra as dobras do passado não somente para os outros, mas também para si. Suas crônicas são escritas de si sobre o corpo do papel. Ele rearranja suas lembranças distribuindo-as em suas narrativas no tempo. Suas reminiscências<sup>8</sup> transformam-se em

---

<sup>7</sup> *Pulsão* no sentido de Freud como marca indestrutível, que está sempre guardada à espera de algo ou alguém que a acione. Ver: ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud**: eterno retorno e compulsão a repetição. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

<sup>8</sup> W. Benjamin formulou uma concepção de História, cuja temporalidade é pensada, longe da ideia usual de tempo, como uma experiência saturada de *agoras* entre o passado e o presente. As *reminiscências* seriam imagens que relampejam no momento em que são acionadas provocando uma espécie de *iluminação*, ou ainda de *revelação*. Sandra Pesavento ao refletir sobre a memória como imagem sensível utilizada no ofício do historiador, define *reminiscência* como uma “operação imaginária de sentido que visualiza a imagem ausente, mostrando que a memória não é possível sem imagens” (2008, p.19). ver: BENJAMIN, Walter. **Obras**

sabores, cheiros, cores, sons, que dividem com os outros na vontade sempre afirmativa de que nada escape do passado. Esta aventura subtrai da trajetória a solidão. Escrever é um ato que movimenta a estrutura interior, bem como seus alicerces.

A crônica como suporte de memória<sup>9</sup> é uma construção de sentidos, ela deseja colar-se às memórias daqueles que fazem de suas leituras um direcionamento do passado. As passagens abertas pelas crônicas insinuam temporalidades, espacialidades, sentimentos, acontecimentos que estariam perdidos se não fosse o desejo do homem-memória, para citar um termo cunhado por Pierre Nora (1993), em fabricar seus novos de lembranças. Mas ao recordar os acontecimentos no tempo, é também a si que recorda. Pois o tempo é uma experiência pessoal de sentido, e jamais se pode vivenciá-lo no lugar de alguém.

Ao narrar, o cronista estaria submetido a uma espécie de neurose de Teseu, ou seja, uma vontade de teatralização dos gestos, da forma de encenação, da maneira heroica de lembrar-se. O exagero de recordar-se dos mínimos detalhes aos moldes de “Funes, o memorioso”, da ficção de Jorge Luís Borges (2007), é uma tentativa de segurar o tempo através do uso da narrativa, de fazê-lo seu. Funes, na ficção de Borges, é capaz de lembrar-se dos menores detalhes, aqueles que seriam desprezíveis para o mais humano dos mortais. Lembrar é um acontecimento social compartilhado e a escuta uma forma de realinhar experiências.

A função da crônica é estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, embora este diálogo seja atravessado pela inconstância temporal do lembrar, que transita entre os ruídos provocados pelas lembranças esparsas do passado e a movimentação latente do presente. Neste ínterim temporal, as lembranças se presentificam. As motivações que desencadeiam as crônicas também são da ordem do presente e por isso estão sempre sendo

---

**Escolhidas.** Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2004. MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética:** imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Imagens na História.** São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>9</sup> Para M. Foucault a escrita de si é um suporte de memória, devido à quantidade de exercícios que são frequentemente desenvolvidos através da experiência da recolha da leitura, que é um ato executado na intenção de repassar ensinamentos, aprendizagens, principalmente expor-se ao outro, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. Já que defendo a crônica como manifestação da escrita de si, quis utilizar a categoria *suporte de memória*, para carregar ainda mais a dimensão da crônica como uma narrativa que para fazer aparecer o ausente necessita da mediação da escrita. A escrita não é a memória, mas um suporte importante que faz aparecer aquilo ou aqueles que se deseja lembrar. Neste caso, a crônica, como exterioridade da escrita e interioridade do autor, é uma importante narrativa desejosa da lembrança. FOUCAULT. M. **A escrita de si.** In: FOUCAULT. M. **Ética, sexualidade, política.** 2ed. vol. V. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 144-162.

(re)atualizadas, pois é “necessário a memória de muitos instantes para fazer uma lembrança completa” (BACHELARD, 2007, p.19).

O cronista tal qual uma vertigem atualiza o passado no presente, na busca sempre incessante de torná-lo um acontecimento, uma significação. Ele espera que o presente legitime o passado, espera também que o passado sirva para orientar futuras decisões. Se para o cronista o tempo do presente é incerto, o futuro desafiador, resta somente o passado como instância da tranquilidade, da segurança. Neste sentido, analisar as crônicas como resquícios do passado que criam virtualidades no presente é um desafio que propõe restabelecer outro tempo que estaria submerso entre o tempo da lembrança do cronista, a própria lembrança e a projeção destas temporalidades no presente de quem lê e interpreta as crônicas.

Essa virtualidade e multiplicidade temporal são importantes para que, assim como Teseu, não se fique perdido nas teias ilusórias da memória do cronista ou se faça pior ao repetir suas lembranças como prova do que realmente aconteceu e tendo que cair na ineficácia de acreditar em suas “boas lembranças” do passado ou, mais ainda, confundi-las com seu percurso pessoal, celebrando a racionalidade ou a intelectualidade que poderão ser rapidamente confiscadas pela história oficial ou biográfica, aos moldes das narrativas míticas ou heroicas. As crônicas como imagens que se prestam a um trabalho hermenêutico de interpretação<sup>10</sup> se abrem aos brancos, buracos, esquecimentos e recalcados da memória, em um movimento no sentido de entender a insistência em lembrar-se tanto.

Neste sentido, longe da ideia de saudosismo ou de lembrança afetiva, é possível pensar as crônicas, ou ainda, a questão do testemunho nos escritos literários, através de dois movimentos principais. Primeiro, que a memória é um teatro pessoal e se fabrica através de reconstituições íntimas ou míticas, que podem servir para embaraçar o fazer do historiador. Segundo, que as testemunhas mortas ou vivas, encontradas em Arquivos ou dispersas em

---

<sup>10</sup> A expressão *trabalho hermenêutico* está ligado à segunda fase da operação historiográfica [ele utiliza a mesma estrutura tripartite de Michel de Certeau para dar conta da problemática da escrita da história] denominada por P. Ricoeur (2007) de fase explicativo-compreensiva. Esta diz respeito ao tratamento do porquê histórico, ou seja, por que algo aconteceu assim e não de outra maneira? Nesta fase o documento entra em relação de explicação, pois este procedimento de crítica visa afastar a noção de testemunho da memória como fiador da verdade. O testemunho por si só não constitui prova documental é necessária a apropriação pelo historiador para que este entre na condição de rastro do passado. A verificação hermenêutica do documento escrito é necessária para tirá-lo do seu isolamento e aproximá-lo no sentido conter o excesso de memória e a sua falta, o esquecimento (RICOEUR, 1991). Sendo assim, pontuo que os documentos analisados neste trabalho passarão pela preocupação de confrontá-lo com teorias que possam servir para ampliar a discussão, tirando os documentos da sua referencialidade momentânea. Ver: RICOEUR, Paul. Da hermenêutica dos textos à hermenêutica de ação. In: RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Editora: Res. Coleção Diagonal. 1991. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

bibliotecas, museus, mídias, ciberculturas, são por essência aquelas que falam e escrevem demais. Nesse sentido cabe ao historiador reunir às dispersões, o excesso, a disfunção, reelaborar os sentidos e repensar o peso das palavras e das intenções, pois como alerta a historiadora francesa Arlette Farge

E se parece existir uma cadeia de palavras esta nada tem de linear nem de liso; é antes da ordem do esarteamento, da individualização, tecendo uma estrutura dispersa de acontecimentos e de falas de que podemos encontrar condições de emergência (2011, p.79).

A escrita testemunhal é a escrita da ordem do tempo, dos sentimentos, dos ressentimentos, ou seja, a escrita de si. Escrita dessa experiência inebriante do homem no tempo ou do tempo avizinado ao homem. Quando escrevemos criamos o acontecimento, e a crônica nada mais é do que uma narrativa do acontecimento, este por sua vez é a forma que o tempo toma, e o tempo não tem apenas uma forma, ele é simultaneidade e multiplicidade.

As crônicas digitalizadas e agrupadas no Acervo A.Tiro Filho, foram avizinadas na intenção de que o leitor perceba que, a despeito da ideia de aleatoriedade, elas dão conta da construção de imagens, que não raras, servem como escrita de si. Quero esclarecer que o cronista que me serve de reflexão nestas considerações é A. Tito Filho, e não todos os cronistas, embora as reflexões sirvam para pensar sobre o caráter da narrativa cronística. O cronista mesmo sendo um, ele é uma multiplicidade que como qualquer ser humano. oscila entre máscaras, desejos, devires, e como qualquer leitor e escritor é atravessado por suas experiências pessoais de leitura e escrita.

Ao analisar a escrita da distinção, não se pode perder de vista que, ao escrever sobre si, o cronista pactua com aquilo que Philippe Lejeune (2008) denominou de *pacto autobiográfico*, pois o escritor ao tratar sobre sua vida individual, onde há identidade entre autor, narrador e personagem, admite falhas, erros, esquecimentos, omissões, deformações, já que ao escrever sobre si, escreve sobre aquilo que é permitido, em função de sua memória, posição social ou de sua possibilidade de conhecimento.

Finalizando, quero enfatizar que história e memória são pensadas e problematizadas nessa reflexão como forma de seleção do passado, uma construção intelectual, e não somente um fluxo externo do pensamento. Essa separação entre memória e história é importante para que tenhamos cuidado ao pensar que a memória acessa ou recupera a história. É necessário refletir que aquilo que denominamos de memória e história são produções discursivas (já que

normalmente a memória pode ser transcrita tanto por aquele que a evoca como por aquele que a utiliza como objeto e fonte de estudo).

Sendo assim vale as contribuições de M. de Certeau (2002) e P. Ricoeur (2007), no campo hermenêutico, sobre a importância do uso da explicação/compreensão como fase importante para preencher de sentidos e plausibilidades a escrita da história. Ao invés do “dever de memória” cabe ao historiador realizar um “trabalho de memória”, no sentido de que a escrita da história não seja simples queixa, saudosismo ou ainda uma repetição piegas do passado. Ou ainda que a dimensão da testemunha seja ela no texto literário ou não, tenha suas dimensões refletidas, deslocadas, desterritorializadas, seja do seu sentido de verdade, de demasiado vivo em seus sentimentos, de demasiado sensível em suas intenções ou demasiado dolorido. Talvez resida nesse trabalho a contrapelo a importância do historiador, esteja ele ou não na presença dessa problemática entidade conhecida por “testemunho”.

## Referências

- ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão a repetição**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas (SP): Verus Editora, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- CANÔNICA, Volnei. **Comemoração ao livro e à leitura**. Acesso 24/01/2011.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FARGE, ARLETTE. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção História e Historiografia).
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Coleção Ditos e Escritos. Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Trajetórias de vida, trajetórias de ofício**. - [Entrevista]. João Pessoa (PB). Revista de História: *Seculum*. n.º. 23. jul.º/dez.2010. Entrevista concedida a Telma Dias Fernandes e Vilma de Lourdes Barbosa.  
[http://www.fnlij.org.br/imagens/socios/Jornal2010/Noticias\\_2010\\_04.pdf](http://www.fnlij.org.br/imagens/socios/Jornal2010/Noticias_2010_04.pdf)
- LAURENCE, Hallewell. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau a Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Coleção Humanitas.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze e Foucault**. In: MACHADO, Roberto. **Deleuze: a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- MACHADO, Roberto. **O ser da linguagem**. In: MACHADO, Roberto. **Foucault: a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

- MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética**: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.
- RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Editora: Res. Coleção Diagonal. 1991.
- SILVA, Débora Couto. **A danada da nostalgia**. Revista Vida Simples. Jan. Edição 101, 2011.
- SIRINELI, Jean-François. **Os Intelectuais**. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- SOUTO, Carlos Magno dos Santos. **O Avissareiro**: a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas (1940-1950). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2009.
- TELLES, Norma. **A escrita como prática de si**. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- TITO FILHO, A. **Gente corajosa**. Jornal O Dia, 28/11/1987.
- TITO FILHO, A. **Português**. Jornal O Dia, 31/03/1992.
- VEYNE, Paul M. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

*Recebido em: 02 de fevereiro de 2014*

*Aprovado em: 05 de junho de 2014*